

Pluralidades culturais, sexualidades e reconhecimento social em Santa Maria/RS: O caso das demandas sociais da ONG Igualdade

Geani Nene Caetano¹; Benhur Pinós da Costa²

¹Bolsista FIEEX, graduada em Geografia Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria/RS

²Orientador, professor Doutor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria/RS e do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências. Bolsista FAPERGS.

RESUMO

A cidade contemporânea abriga uma diversidade de expressões culturais. A cidade de Santa Maria-RS, por ser um centro universitário e regional, se identifica pela convergência e concentração das pluralidades culturais. Na cidade existem grupos políticos organizados que se ocupam com os direitos civis dessas pluralidades, como a ONG Igualdade, que trabalha, além de outras expressões culturais, questões envolvendo as pessoas orientadas sexualmente para o mesmo sexo. A pesquisa que originou este texto representa uma das atividades inseridas no programa do Fundo de Incentivo a Extensão (FIEEX) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A atividade de extensão participou das atividades desta ONG para entender as questões culturais e políticas dos diferentes sujeitos sociais em Santa Maria. Promoveram-se também, atividades de divulgação dos trabalhos da ONG e as discussões destas temáticas e dos Temas Transversais, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, conforme PCN's (1997), juntamente com os docentes da Escola Estadual de Ensino Fundamental Marieta d'Ambrósio.

Palavras-chave: Geografia, Sexualidades, Pluralidades Culturais, Educação, ONG Igualdade.

Os estudos sobre Geografia, diversidades culturais e a cidade: orientação da atividade extensionista.

A pesquisa que originou este texto representa umas das atividades inseridas no programa do Fundo de Incentivo a Extensão (FIEEX) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A ação de extensão remete, então, ao entendimento da cidade contemporânea na perspectiva da diversidade de culturas e expressões de sujeitos, grupos e agregados sociais que a compartilham, a disputam e a experienciam, tecendo suas vidas e seus propósitos. A cidade é um campo de jogos de alteridades culturais constituídas historicamente. Tais alteridades são balizadas por um campo identitário hegemônico

¹ Bolsista Projeto FIEEX: geanicaetano@yahoo.com.br

²

¹

²

(MACLAREN, 2000), cujos aspectos apontam para os determinantes da sociedade moderna (européia-branca-heterossexual-masculina), definida por uma estrutura racional (trabalho), moral (condutas aceitas) e lingüística (conceitos e formas de pensar e agir). Mas além desse campo hegemônico, as diversidades baseadas em aspectos da espontaneidade humana e da forma em que entendem seus desejos e incompatibilidades quanto ao racional, ao moral e as identidades “normais” e “naturalizadas”, também produzem historicamente outras formas de identificações, de valores e de referenciais de disputa em relação ao direito de ser e viver na cidade.

É isso que a ação procurou trabalhar, ou seja, as relações entre alteridades culturais e campo hegemônico na cidade de Santa Maria-RS. No reconhecimento dos dramas cotidianos das diferentes alteridades culturais existentes na realidade da cidade e no conseqüente entendimento das demandas sociais desses sujeitos. Portanto, fundamenta-se a importância de interferir, como pesquisadores vinculados à academia, no trabalho de sensibilização da sociedade sobre as demandas das alteridades culturais, principalmente as vinculadas aos sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo (homoafetividades).

Em primeiro momento, o processo ocorreu através do acompanhamento descritivo e reflexivo das demandas das alteridades sociais da ONG Igualdade (Santa Maria-RS) e em que seus integrantes baseiam suas atividades. Isso se deu pela participação efetiva semanal nas reuniões que ocorreram na “Casa 13”, Rua Treze de Maio, e na Casa de Cultura, ambas no centro da cidade de Santa Maria-RS. Além da participação nessas reuniões, houve o acompanhamento junto a ações promovidas pela ONG, como reuniões e intervenções públicas sobre temas contidos nas demandas.

Esta fase se estabeleceu conforme procedimentos contidos na pesquisa etnográfica (COULON, 1995), que se baseou, fundamentalmente, na participação efetiva perante grupo cultural e entidade social, inserindo-se no cotidiano “das coisas a fazer” e na “reflexão sobre condições individuais e coletivas sobre tais afazeres”. Tal postura remeteu a necessidade do pesquisador vivenciar o dia-a-dia das ações dos sujeitos que atentam à pesquisa, nas tramas de suas interações cotidianas, nos dramas de suas dificuldades e das táticas que formulam para conseguir vencê-las. O caráter presencial é fundamental, assim como a indagação sobre o que acontece, para fins de interpretação efetiva. O conjunto de

descrições e interpretações contidas em “caderno de campo” constituiu a base das reflexões pelas quais se produzirá a pesquisa.

A outra fase da pesquisa se estabeleceu pelo estudo dos dados estabelecidos em trabalho etnográfico, para fins da articulação de uma intervenção social mediante conteúdos selecionados do material constituído. Esta fase ocorreu a partir da discussão frente aos dados que se tem e o público em que se atuou. Inicialmente o propósito da ação educativa foi divulgar e tornar público, perante outros setores sociais, as demandas das alteridades culturais de Santa Maria-RS, fundamentalmente aquelas em que a ONG Igualdade trabalha. O público que a pesquisa procurou atingir foi os professores da Escola de Ensino Fundamental Marieta d’Ambrósio. Nesse sentido, foram construídas estratégias de intervenção educativa, juntamente com os professores, mediante articulação crítica das bases curriculares nacionais (PCN’s, 1997) e suas discussões sobre temas transversais, principalmente aqueles que versam sobre pluralidades culturais e orientação sexual.

Dessa forma, após intervenção educativa estabelecida, foi então feito o trabalho reflexivo final que constituiu o relatório da pesquisa. Este relatório será apresentado tanto para líderes da ONG Igualdade como para os professores da Escola Marieta d’Ambrósio.

Os temas e as demandas sociais da ONG Igualdade, Santa Maria/RS.

A partir dos objetivos propostos pela atividade extensionista, tornou-se possível contribuir com a ONG Igualdade Santa Maria no reconhecimento das suas demandas socioculturais, com a participação nas reuniões semanais que ocorreram na Casa 13, na Rua 13 de Maio com o intuito da organização da 10ª Parada Livre, do II Encontro Regional GLBT e da VII Semana da Diversidade de Santa Maria, que ocorreram entre 23 e 29 de agosto de 2010.

Nessa perspectiva, entre os principais temas discutidos nas reuniões juntamente com a ONG Igualdade Santa Maria, e que fazem parte das demandas sociais da ONG, estão: a homofobia, o desejo homossexual, a formação da identidade homossexual, os direitos homoafetivos, a performatividade do grupo travesti, o preconceito na escola com relação aos soropositivos e gays, a falta de oportunidades para a vida profissional dos homossexuais, a realidade dos profissionais do sexo e dos portadores do HIV, a visibilidade social do grupo LGBT’s, o preconceito sofrido pelos portadores do HIV na sociedade, o

uso de preservativos para as profissionais do sexo (travestis), a aceitação da orientação sexual perante a família do homossexual, a definição e a importância dos Movimentos Sociais na constituição da sociedade moderna, o Plano de Ações e Metas (recursos financeiros para a realização da 10ª Parada Livre de Santa Maria), entre outros temas.

Dentre os temas contidos nas demandas sociais da ONG Igualdade, serão discutidos nesse presente artigo, quatro temas principais, sendo esses: o desejo homossexual, a formação da identidade homossexual, os direitos homoafetivos e a performatividade do grupo travesti, para a melhor compreensão da percepção dos sujeitos que fazem parte da ONG acerca desses assuntos que são tão pertinentes a eles.

O desejo homossexual

Indubitavelmente, um dos temas frequentes nas reuniões com a ONG Igualdade foi acerca do desejo homossexual, homoafetivo ou homoerótico. Muitas vezes ele aparecia subentendido ou de forma clara nas falas dos integrantes da ONG. Muitas das discussões versavam sobre o desejo que representa tanto um sentimento íntimo assim como um elo pelo qual podem expressar a sua identidade ou o seu “eu”, sendo um motivador ao combate à discriminação do “outro”, ou seja, o reconhecimento de si em relação aos próximos e a sociedade em geral.

Os membros do grupo apontaram que o viver situações de desejo e de amor homoerótico é sempre acompanhado com o medo e o desconhecimento dos próximos e da sociedade como um todo. O medo é relacionado a um cotidiano que se condiciona por uma necessidade afetiva e sexual incompatível com os parâmetros de sexualidade heteronormativa construídas socialmente. Neste sentido a expressão do desejo deve ser sempre velada e vigiada pelo “si mesmo”, em virtude da discriminação negativa e da violência em que estão sujeitos.

Um dos problemas geralmente comentados entre os sujeitos da ONG foi à inadequação entre os comportamentos sexuais homoeróticos e a pretensa padronização da sexualidade a partir do sexo heterossexual condicionado a durabilidade da situação de afetividade do casal estabelecido entre homem e mulher na instituição do casamento e na construção simbólica social do amor duradouro. O caráter transgressivo do desejo e das

atividades sexuais homoeróticas coloca o sujeito sexual no campo das paixões e das fugacidades de obtenção de prazer. Isso se apresenta como incompatível aos parâmetros de uma vida correta e sadia baseada na fidelidade e na conjugalidade duradoura estabelecida pela ideia de união amorosa a partir do casamento. Ao mesmo tempo em que suas experiências apresentam-se muito vinculadas a fugacidade das relações para obtenção do gozo pelo desejo do contato como corpo do outro desejado, nas situações efêmeras e instantâneas, as representações sociais os condiciona a uma busca por um amor constante, calmo e duradouro. Devido este dilema, a homoafetividade é representada por uma clara distinção em paixão e amor. No entanto, isso se torna sempre um problema, pois a posicionalidade das relações sexuais homoeróticas estando no campo da fugacidade, do transgressivo e da obtenção do gozo, produzem constantes “ilusões” e sofrimentos quando a confusão que se estabelece representam uma relação afetiva ao ser colocada no campo do amor e da busca pela conjugalidade duradoura. Talvez isso seja um dos grandes dilemas da subjetividade dos sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, principalmente numa cidade de interior como Santa Maria, em que grande parte das experiências homoeróticas é estabelecida entre homens que, conforme relato dos sujeitos que convivemos, apresentam uma “vida separada” ou uma duplicidade de sua sexualidade: uma vinculada aos parâmetros do amor e da sexualidade heterossexual baseada no casamento e outra vinculada a fugacidade do gozo em relações homoeróticas. Por outro lado, os sujeitos que não vivem esta vida dupla e estão conscientes de sua sexualidade orientada para o mesmo sexo, ao mesmo tempo em que cotidianamente vivem a fugacidade das relações sexuais, fantasiam o amor duradouro e a conjugalidade estável. O interessante é que, ao mesmo tempo, casais homoafetivos que vivem uma conjugalidade estável a longo tempo, compartilham facilmente a fugacidade das experiências sexuais entre outras pessoas. Entre estes casais alguns compartilham isso de forma aberta e verbalizada, outros reproduzem as situações de infidelidade velada e mantêm um discurso de amor e relacionamento fechado que nega inclusão de outros parceiros sexuais.

Através do tema do desejo, levantado nas reuniões, aponta-se para um fato: de que o que mais se deseja é continuar desejando, “permanecer sendo sujeito de um enunciado que fala sobre um objeto real, reconhecido e valorizado pelo outro” (KEHL, 1990). Daí a

importância dos grupos de homossexuais construírem e afirmarem os sujeitos inseridos nele como detentores de desejos. Sendo assim, comprova-se a partir das reuniões com a ONG, que é compartilhando o reconhecimento desses desejos que o sujeito afirma e reafirma sua identidade, sua existência, já que se reconhece capaz de vivenciar, de experimentar o que também é desejável para o outro.

Enfim, esses mecanismos de construção e desconstrução dos sujeitos através dos seus desejos e discursos, estão presentes no trabalho dos grupos homoafetivos, particularmente da ONG Igualdade, mesmo que eles não tenham a consciência real do que estão construindo e do que estão participando. Prova-se que, indubitavelmente, o desejo é o importante definidor da homossexualidade.

A formação da identidade homossexual

A construção da identidade homossexual foi tema presente nas reuniões da ONG Igualdade. Nestas discussões compreenderam-se melhor as complexidades e as nuances presentes na formação do indivíduo como ser social. Os integrantes afirmaram que vivemos em uma sociedade que, em grande parte, ainda acredita que a heterossexualidade é o único modo legítimo de vivenciar a sexualidade, e que este seja o motivo da rejeição à homossexualidade, pois ela é vista como anormal, como desviante e, sendo assim, inaceitável. Através das falas dos sujeitos, comprova-se que a homossexualidade é vivida de diferentes formas e que a formação da identidade homossexual ocorre de maneira particular para cada sujeito. Uma constante na fala do grupo pesquisado é que a identidade homossexual é formada a partir da relação do “eu” com o “outro”, e, por essa razão, pelo seu comportamento contrapor com a heterossexualidade normativa, e por ser considerada desviante do esperado pela sociedade, isto acarreta muita angústia quando o indivíduo se percebe diferente. Um dos sujeitos afirmou o seguinte: “Quando descobri que era gay, fiquei com vergonha e até senti culpa. Eu já sabia que era diferente. Não sentia atração sexual por mulher”. Outra questão levantada nas reuniões foi acerca da importância de se aceitarem, de afirmarem a sua sexualidade, para que os outros também possam aceitá-los/aceita-la. Percebemos que isso implica uma posição de um sujeito que se envolve com o reconhecimento e a luta pelos direitos homossexuais, mas, eles mesmos alegam que isso

não é a realidade da grande maioria que tem por princípio esconder estes atributos identitários perante qualquer situação social.

Dessa forma, ficou evidente o orgulho dos sujeitos que fazem parte da ONG, da união de seus integrantes para o efetivo combate à discriminação. Isto é afirmado por um dos sujeitos: “através da nossa união temos uma força maior, para lutar contra a discriminação. A nossa orientação sexual deve ser respeitada. Até porque, a diversidade da natureza humana é maior do que as regras criadas e impostas pelo Homem”.

Outro assunto reforçado foi a maior visibilidade do homossexual na TV, e que essa visibilidade contribui para a afirmação da identidade homossexual e para a maior aceitação da homossexualidade em uma sociedade heteronormativa. Outra questão enfatizada enfoca a atual capacidade de consumo de um setor homossexual da sociedade. A expressiva fatia de mercado que estes sujeitos representam hoje permitiu certa aceitação quanto a expressão da identidade e das afetividades em certos lugares, amenizando as questões sobre discriminação. Como fala um sujeito: “exijo respeito, quero ser tratado com dignidade. A gente nota que quando a gente entra em algumas lojas, nos olham dos pés a cabeça e fazem cara feia. Acho que é por preconceito, mas não falam nada, também se falarem, eu respondo na mesma moeda”!

Nesse sentido, conclui-se que, a partir da oralidade dos sujeitos que compõem a ONG, os homossexuais, apesar de terem conquistado uma maior visibilidade e respeito, ainda enfrentam demonstrações de violência e preconceito. Em contrapartida, fundamenta-se a luta da ONG por um espaço santa-mariense mais igual e menos homofóbico.

Os direitos homoafetivos.

Através da atuação organizada da ONG, têm se exercido justas pressões junto ao poder público do município de Santa Maria/RS com a finalidade da reivindicação dos direitos homoafetivos, inclusive o direito à união civil, tendo esse tema forte implicação política na conquista da cidadania do grupo.

Nesse sentido, o assunto acerca da união das pessoas do mesmo sexo foi intensamente discutido nas reuniões com a ONG, sendo sem dúvida tema presente das reuniões. A lei brasileira não reconhece o matrimônio ou a união estável de casais homoafetivos, e, pela falta de leis específicas, é permitido o contrato de união entre pessoas

do mesmo sexo. Ao se discutir o tema dos direitos homoafetivos, um dos sujeitos do grupo afirmou: “não temos leis que assegurem os nossos direitos. O Judiciário até evolui, o Executivo até que avançou nesses últimos tempos, mas o poder Legislativo está parado no tempo”.

Outro assunto que foi discutido foi a questão da adoção. Salienta-se que em abril do ano de 2010, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) manteve a adoção de uma criança a um casal homossexual. Referente a isso, um dos sujeitos da ONG expressou a sua opinião: “muitos pais maltratam os filhos, porque na realidade não tem amor por eles. Tenho certeza que eu e o meu companheiro cuidaríamos muito bem de uma criança. Daríamos muito carinho para ela”. Outro participante afirmou: “infelizmente a justiça é lenta e não temos o direito à adoção reconhecida por lei”. Também houve o reclame sobre o casamento homossexual não ser permitido no Brasil e com isso os homossexuais não terem os plenos direitos de uma união civil estável. Diferentemente de países como a África do Sul, a Bélgica, o Canadá, a Espanha, a Holanda, a Islândia, a Noruega, Portugal, a Suécia, a Suíça, a Argentina e o Uruguai em que o casamento homossexual é reconhecido com plenos direitos.

Com relação aos direitos dos homossexuais, uma importante conquista da ONG Igualdade em âmbito local foi o reconhecimento legal de identidades (trans) generificadas. Isso ocorreu com a possível mudança da documentação das travestis, que adquirirão efetivamente identidade feminina, realizado pelo Núcleo de Prática Jurídica do Curso de Direito da Universidade Franciscana/UNIFRA-Santa Maria/RS. Isto é, a documentação essencial para a constituição do (a) cidadão (a) como Carteira de Identidade, cartão de banco, cartão de loja, CPF, Título de Eleitor. As travestis passarão a ter o nome feminino correspondendo a identidade de gênero identificadas e assumidas por essas pessoas. As travestis mostraram-se empolgadas e muito felizes por agora terem o reconhecimento da identidade de gênero que adotaram, evitando o constrangimento de apresentarem a documentação que não corresponde com a sua identidade e performance de gênero.

Dessa forma, a partir das discussões nas reuniões com a ONG e com a luta da mesma para a conquista de direitos, prova-se a inequívoca importância dessa Organização para a busca da igualdade e da visibilidade social do Grupo LGBT's do Município em análise.

O trabalho de campo junto ao grupo travesti.

Através da saída de campo, juntamente com representantes da ONG Igualdade e de profissionais da área da saúde que realizam atividades na Casa 13, nas residências de algumas travestis do espaço de análise santa-mariense, foi possível obter impressões importantes acerca da realidade cotidiana desse grupo social. A presente saída de campo teve a finalidade da distribuição de preservativos e lubrificantes íntimos às travestis profissionais do sexo, bem como, o esclarecimento da importância do uso do preservativo nas relações sexuais com os clientes. Salientou-se a relevância do exame para a detecção do vírus HIV e o contínuo tratamento para as travestis portadoras, além do esclarecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis pelos profissionais da saúde da Casa 13. Elas mostraram-se atentas às informações passadas e uma delas afirmou que “esse trabalho da ONG é muito bom, pois assim temos informação sobre as doenças e conseguimos camisinha e lubrificante íntimo de graça.” Nesse sentido, comprovou-se que as travestis aprovam a atuação da ONG Igualdade juntamente com os profissionais que trabalham na Casa 13 na assistência para a melhoria da saúde sexual das mesmas.

Outro ponto que chamou a atenção na visitação à casa das travestis foi o paradoxo existente em suas realidades. Ao mesmo tempo em que subvertem que o sexo biológico é o definidor do gênero que está impregnado em suas representações, ou seja, reforçam o binarismo a partir de preceitos morais e papéis que determinam o que é ser mulher e o que é ser homem em nossa sociedade: ser ativo/passivo, ter força/sensibilidade, guiar-se pela cabeça/coração. Elas têm em sua performance a representação do papel feminino: são delicadas, sensíveis, vaidosas, carinhosas, porém na própria concepção delas, não são mulheres. Segundo uma das travestis pesquisadas “ser mulher é ter útero, é dar a vida, poder ser mãe”. Comprova-se assim a noção de que o principal papel feminino enaltecido pelas próprias travestis é o de mãe, bem como, o masculino é o de provedor, empreendedor, ativo e penetrador (em se tratando das práticas sexuais).

Dessa forma, a partir da representação e performance de gênero é que elas são tão especiais pelo próprio caráter subversivo/marginal de suas identidades que as fazem incrivelmente fortes na constante luta pela sobrevivência em uma sociedade discriminatória e preconceituosa.

A inserção da Geografia na 10ª Parada Livre de Santa Maria/RS

Salienta-se que houve a participação efetiva do pesquisador enquanto sujeito da pesquisa juntamente com a ONG Igualdade, a ONG Life, a RNP/RS e o DCE/ UFSM na organização da 10ª Parada Livre e 3ª Semana da Diversidade do município de Santa Maria/RS e também do II Encontro Regional que tinha como tema central “Orientação sexual é um direito humano”. Garantindo dessa maneira, a relevância social da proposta para com o público alvo da pesquisa (Grupo LGBT’S).

Comprova-se a importante participação da geógrafa Joseli Maria Silva que proferiu palestra no II Encontro regional na semana que ocorreu a 10ª Parada Livre versando sobre as suas experiências como coordenadora do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) na Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (UEPG) e da Rede de Estudos de Geografia e Gênero da América Latina (Brasil). Joseli Maria Silva afirmou que “os estudos de mulheres pobres, prostitutas, travestis, meninas exploradas sexualmente e meninos de periferias urbanas envolvidos em infrações (sendo esses estudos realizados em seu grupo de pesquisa), definitivamente, não têm relevância nos estudos realizados na ciência geográfica brasileira”. Chamou a atenção também, para a importância do estudo desses grupos sociais para a nova geografia cultural e para a configuração espacial, pois, segundo Silva “é a partir da atuação e das pluri-localidades desses grupos sobre o território que se realizam as contínuas transformações sócio-espaciais”. Em contrapartida, a geógrafa mostrou que, infelizmente, as espacialidades desses grupos sociais vivenciados através das categorias de gênero, raça e classe ainda são vistos como irrelevantes e poucos são os geógrafos (as) que se interessam por realizar pesquisas nesse âmbito, provando que a geografia brasileira ainda tem um longo caminho a percorrer para que as temáticas feministas obtenham relevância em sua metodologia e epistemologia.

Dessa forma, os ouvintes que assistiram a palestra e a discussão proferida pela geógrafa e professora Joseli Maria Silva mostraram-se interessados pela temática dos estudos etno-raciais, de gênero e sexualidades e pela inserção dos grupos sociais considerados “marginais” na ciência geográfica androcêntrica, heterossexual, eurocêntrica e

branca, pelas quais muitos dos participantes do II Encontro Regional e que ali se encontravam, perceberam-se inseridos nos grupos sociais estudados pela geógrafa.

A atuação do projeto de pesquisa na Escola de Ensino Fundamental Marieta d'Ambrósio

Através dos objetivos propostos na atividade de extensão, foi possível contribuir com o currículo da Escola Marieta D'Ambrósio a partir dos temas transversais pluralidade cultural e orientação sexual, inseridos à didática da Geografia apresentados aos professores da escola em reuniões localizadas na mesma. Observamos que a atividade de extensão estabeleceu o tripé de ação Universidade, ONG Igualdade e Escola Marieta D'Ambrósio. A participação nas reuniões da ONG, em algumas de suas atividades públicas e na organização das atividades vinculadas a semana da Parada Livre nos possibilitou subsídios para tratar os temas da pluralidade cultural e da sexualidade com professores desta escola. Em relação a isso, abordamos algumas considerações sobre tais problemáticas no ensino de Geografia e na Educação em geral.

1) A transversalidade dos temas no processo ensino-aprendizagem da Geografia conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o Ensino Fundamental.

O processo de ensino-aprendizagem da Geografia e a sua evolução enquanto ciência permite discussões e a inserção de novos recursos pedagógicos e temáticas sobre o objeto e a metodologia da sua abordagem, permitindo que o professor em sala de aula construa os saberes, uma vez que esta ciência tem na interface sociedade e natureza um dos seus focos de investigação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais incorporam essa tendência e a incluem no currículo de forma a compor um conjunto articulado e aberto a novos temas, buscando um tratamento didático que contemple sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância em relação a outras áreas convencionais. O currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as

diferentes realidades locais e regionais e outros temas podem ser incluídos. Nesse sentido, o conjunto de temas propostos (Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual) recebeu o título geral de Temas Transversais, indicando a metodologias para sua inclusão no currículo, assim como seu tratamento didático.

Dessa forma, para a presente pesquisa foram abordados, principalmente, os temas transversais pluralidade cultural e orientação sexual, bem como, como eles podem ser inseridos no processo ensino-aprendizagem da Geografia.

2) Pluralidade Cultural.

O tema das pluralidades culturais compartilha muitas relações com os conteúdos de Geografia. A abordagem humanista adotada nos PCN's prevê um tratamento metodológico na linha proposta pelo documento da pluralidade cultural. Isto pode ser visto a partir mesmo de alguns objetivos mais gerais, que são comuns à Geografia, desde a caracterização de espaços dos diferentes segmentos culturais que marcam a população brasileira, até os estudos de como as paisagens, os lugares e as regiões brasileiras expressam essas diferenças. Com relação aos conteúdos, podemos dizer que a pluralidade cultural está praticamente contemplada em todos os eixos propostos pela Geografia. É importante, no entanto, assinalar que os eixos que tratam da formação socioespacial do campo e da cidade são aqueles em que o professor poderá com maior profundidade tratar dos conteúdos propostos no documento da Pluralidade Cultural, tais como o espaço e pluralidade, tempo e pluralidade. O eixo temático de Geografia que trata da conquista do lugar como conquista da cidadania, permite o tratamento da Pluralidade Cultural na formação do Brasil, assim como o eixo Direitos Universais de Cidadania e Pluralidade. Estas são algumas sugestões dos muitos cruzamentos possíveis entre os dois documentos. Por isso é fundamental que ao planejar a programação curricular o professor trabalhe com os dois documentos.

Pela análise da história da produção do conhecimento geográfico, os alunos verificarão também as contribuições significativas de culturas que não tiveram hegemonia política. Por exemplo, no estudo da história da Cartografia os alunos terão a oportunidade de explorar as diferentes linguagens, interesses e objetivos da representação espacial em

outras épocas. Mesmo na época atual, poderão estudar as representações espaciais indígenas ou a diversidade cultural e sexual de determinados grupos, como por exemplo, o LGBT's. Outros exemplos poderão ser encontrados estudando a leitura da paisagem na literatura regional, por exemplo, nas obras de Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, entre outros. Na música também a leitura da paisagem expressa a pluralidade e o professor não deve perder a oportunidade de trabalhar as canções locais, principalmente no trabalho com os jovens tão atentos á expressão cultural nessa fase da escolaridade.

Ainda com relação às conexões entre Geografia e Pluralidade Cultural, destaca-se, no campo da educação geográfica brasileira, um trabalho que busca explicar, entender e conviver com os procedimentos, técnicas e habilidades no entorno sociocultural próprio de certos grupos sociais, que se inserem nas Geografias de Gênero, como por exemplo o estudo das mulheres, homossexuais, travestis, entre outros.

Deste modo, é possível visualizar melhor a dimensão da Geografia no currículo da Escola Fundamental: como um campo de problemas para construir conceitos e como um elemento de integração com o tema Pluralidade Cultural.

3) Orientação Sexual

O trabalho de Orientação Sexual visa propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. Seu desenvolvimento deve oferecer critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade, assim como reconhecimento das manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola. Propõem-se três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS (PCN's, 1997).

A abordagem do corpo como matriz da sexualidade tem como objetivo propiciar aos alunos conhecimento e respeito ao próprio corpo e noções sobre os cuidados que necessitam dos serviços de saúde. A discussão sobre gênero propicia o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres na sociedade, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis. O trabalho de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS possibilita oferecer informações científicas e atualizadas sobre as

formas de prevenção das doenças. Deve também combater a discriminação que atinge portadores do HIV e doentes de AIDS de forma a contribuir para a adoção de condutas preventivas por parte dos jovens (PCN's, 1997).

Situar em um mesmo patamar os papéis desempenhados por homens e mulheres na construção da cidade contemporânea ainda encontra barreiras que ancoram expectativas bastante diferenciadas com relação ao papel futuro de meninos e meninas. Tais expectativas talvez possam ser mais bem explicadas quando se aborda o tema trabalho, onde a questão de gênero é um fator ainda de forte preconceito em nossa sociedade. Um exemplo de preconceito pode ser colocado quando se analisa a questão da maternidade. A mulher é muitas vezes excluída ou menos valorizada como força de trabalho onde o desempenho é previamente estimado a partir do sexo do candidato. Considera-se em muitas situações a mulher menos preparada.

É importante notar que os conteúdos geográficos permitem a construção de um instrumental fundamental para a compreensão e análise de uma dimensão macrosocial das questões relativas à sexualidade e suas relações com o trabalho e com a cultura. Por exemplo, é possível compreender por meio de análise de dados estatísticos, a diferença de remuneração de trabalho de homens e mulheres e do acesso aos cargos de chefia; o aumento da gravidez indesejada entre jovens e adolescentes, o comportamento das doenças sexualmente transmissíveis e discutir onde se assentam as raízes das desigualdades nas relações culturais de trabalho.

Outra forma de transversalizar os conteúdos de Orientação Sexual com a Geografia pode se dar por meio da cartografia. Por exemplo, no caso das Doenças Sexualmente Transmissíveis, esses dados podem ser espacializados e a partir daí se discutir a sua ocorrência e distribuição. No caso da AIDS, por que ela tem a distribuição atual? Que fatores geográficos estariam associados aos comportamentos de risco? Por meio desse trabalho com a cartografia poderíamos fornecer problemas reais que permitem conferir significado às idéias, conceitos e procedimentos geográficos. Esse duplo papel dos temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, contribui de forma inequívoca para que o educando compreenda a realidade e atue criticamente na sociedade em que vive.

4) As atividades desenvolvidas na Escola Marieta D'Ambrósio

A atuação do projeto de pesquisa na Escola Marieta D'Ambrósio ocorreu a partir de três eixos principais apresentados e aceitos para/pelos professores:

1º Eixo: Teoria acerca das abordagens de Gênero e Sexualidades a partir das reflexões da pensadora feminista Guacira Lopes Louro no texto “Pedagogias da sexualidade”.

Inicialmente, os docentes da escola ficaram resistentes em se tratando da temática da sexualidade e, muito principalmente, de como aborda-la no ensino. Após a apresentação, notou-se que os professores refletiram e discutiram o texto da historiadora e, dessa forma, melhor compreenderam a sexualidade enquanto construção social e histórica e os distintos papéis atribuídos aos gêneros em nossa sociedade, bem como, acerca das relações generificadas. Dessa forma, buscaram-se maneiras para inserir a temática de gênero e sexualidades no Ensino Fundamental através da leitura de textos de teóricas (os) feministas.

Esta ação possibilitou a emergência de vários problemas e situações reais vividas pelos professores no cotidiano escolar. O mais interessante nos três momentos de atuação com professores foi a espontaneidade em que suas dúvidas e em que situações reais foram abordadas, nos dando a oportunidade de aprender conjuntamente, numa plena relação teórico-prática. Desde cedo salientamos que não tínhamos soluções concretas para certos problemas, mas que a relação da abordagem teórica com a discussão sobre problemas concretos poderia nos dar certos encaminhamentos para certas situações.

Pensamos que a maior contribuição destas intervenções foi a oportunidade da discussão em grupo de temas muito polêmicos, como a sexualidade infantil e adolescente, a questão dos prazeres e identidades vinculados a eles, a descoberta do sexo (cada dia mais cedo na vida do adolescente), a necessidade de romper com o preconceito e a discriminação quanto a certas expressões e comportamentos, a necessidade de extrapolar o amor incondicional entre todos os sujeitos que compõem a escola, independente de suas condições, assim como a atenção aqueles que a necessitam e ao tratamento por igual de todos e entre todos.

2º Eixo: A partir da Literatura, da arte, do cinema, e da música, explorou-se o conhecimento através da abordagem da sexualidade.

Nesse sentido, a partir do cinema citam-se alguns filmes que abordam a temática da diversidade sexual, sendo esses, “Minha vida em cor-de-rosa”, “O oitavo dia”, “Jihad do Amor”, “Madame Satã”, entre outros.

Nessa perspectiva, esses filmes foram divulgados para os professores da Escola como exímios materiais para uma melhor compreensão da temática da diversidade sexual a partir do cinema, porém, infelizmente, não foi possível aplicar o 2º eixo na Escola por indisponibilidade de tempo.

Esta indisponibilidade de tempo ficou evidenciada pelos seguintes fatos: o tempo de atuação na escola foi o terceiro plano de ação da extensão, depois da Parada Livre que ocorreu no final do mês de agosto. O mês de setembro foi um período de negociação da inserção do tema e do planejamento de atividades junto à coordenação da escola. Por muito tempo ainda no mês de outubro procurou-se negociar tempo para reunir os professores, ainda resistentes, a participarem das atividades propostas, conforme os eixos que estamos desenvolvendo. A atividade só pode ser desenvolvida em quatro encontros no mês de novembro de 2010.

Mesmo não ocorrendo a possibilidade de tratar este eixo, os quatro encontros propostos desenvolvidos e que remetem ao primeiro eixo surtiram discussões importantes tanto para os professores como pelo agentes extensionistas em discussões a ações futuras.

3º Eixo: Discussões com os sujeitos que fazem parte da ONG Igualdade Santa Maria, para um maior envolvimento dos professores da Escola Marieta D’Ambrósio com a realidade social desses indivíduos.

Este eixo de atuação seria talvez o momento mais importante da atividade extensionista, pois possibilitaria o contato direto com sujeitos que vivem os problemas de uma sexualidade transgressora na realidade, como travestis e sujeitos orientados

sexualmente para o mesmo sexo que pensam e lutam pelo reconhecimento de suas sexualidades. Os relatos desses sujeitos poderiam sensibilizar os professores e talvez mudar muitas das posições preconceituosas deles, talvez contribuindo a uma atitude mais justa e menos discriminatória em situações inusitadas e não inteligíveis por eles no cotidiano escolar. O principal objetivo de todos os eixos seria, então, a sensibilização quanto ao fato da diversidade cultural e sexual, que está sendo abordado tanto pela ciência, como pela arte, assim como ela está impregnada de mundos reais diversos e que são invisíveis para muitos. O desconhecimento, assim, seria um dos principais fatores que levam ao preconceito, a discriminação e a fobia. Esclarecer e colocar em contato com fatos inusitados em situações planejadas e em momentos pedagógicos, geraria um aprendizado e uma melhor preparação quanto a realidade que poderia se produzir (ou já se produziu) no cotidiano escolar.

Dessa forma, a partir dos resultados obtidos na efetivação prática da pesquisa, comprovou-se a relevância da atuação do pesquisador na inserção e discussão da temática da Geografia, Gênero e Sexualidades para os professores da Escola de Ensino Fundamental Marieta d'Ambrósio. Por fim, cabe ressaltar, ainda que a luta pela sociedade menos discriminatória, deve ser promovida pela educação e a reavaliação de nossos conceitos e atitudes diante do ser humano independentemente de sua conduta sexual.

Considerações finais

A temática da sexualidade, indubitavelmente, contribui para uma análise mais completa dos acontecimentos do mundo. Entre a decadência de Roma, o drama de Sodoma, o suposto obscurantismo da Idade Média, passando pela liberdade sexual do Renascimento, o puritanismo do século XIX ligado, por contraste, ao recrudescimento das doenças sexualmente transmissíveis e à histeria ligada à repressão sexual, chega-se ao século XXI, em que as culpas de calamidades como a AIDS são atribuídos à perda dos chamados “valores familiares”. Porém, inevitavelmente, o sexo continua a ser a força vital que faz girar o mundo e que transforma a realidade sócio-espacial. O brilhante pensador Michel Foucault advertiu sabiamente que “se o sexo traz consigo tantos perigos, foi por ter estado durante muito tempo reduzido ao silêncio”.

Os dramas dos sujeitos estigmatizados e banidos do espaço público, composto no campo hegemônico das identidades possíveis, se traduzem em lutas sociais: ora

micropolíticas inseridas nas interações sociais cotidianas, ora em eventos emergentes como movimentos organizados. Atualmente estes movimentos constituem “organizações não-governamentais”, ou seja, instituições não vinculadas ao Estado, mas que apresentam um estatuto de legalidade pública que a permitem agir perante o Estado, pautando a defesa daqueles oprimidos pelo campo social hegemônico e exigindo novas perspectivas de direito para a plena existência de suas espontaneidades.

Dessa forma, conclui-se que é de exímia importância a atuação acadêmica para a reflexão das demandas sociais das ONG’s que atuam no Movimento LGBT’S, cita-se a ONG Igualdade – Santa Maria/RS, muito principalmente, na Educação para a construção de uma sociedade menos preconceituosa e homofóbica.

Bibliografia consultada e/ou citada

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE LAURETIS, T. **Queer theory: lesbian and gay sexualities**. Differences: a journal of feminist cultural studies, Durham: Duke University Press, v. 3, n. 2, p. Iii-xiii, 1991.

CHAUÍ, M. **Laços de desejo**. In: NOVAES, A (org). O desejo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, B. P. da. **Por uma geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: ed. Graal, 1988.

LOURO, G. L. (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Bebel Orofino Schaefer, 2000.

KEHL, M. R. **O desejo da realidade.** In. NOVAES, A. (org). O desejo. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, J. M. (org). **Geografias subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Paraná: Todapalavra, 2009.